



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DE SANTA
RITA

O SECULO

APARECEM de NOVO MIMI, NECAS E LULÚ

POR LEONOR DE CAMPOS

Há muito tempo já que estes três grandes marotos não davam sinal de si. Ora isto era um ótimo sintoma. Pareciam querer emendar-se. A mãe, o pai, a Miss, a Maria cozinheira, o Narciso e até o gato Farrusco andavam contentísimos. Só a criada Adélia torcia o nariz e declarava:

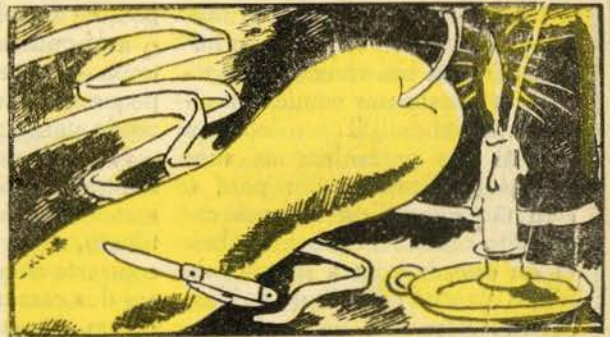
— Eu cá, por enquanto, não acredito nestas bondades. Eles tem sido tão maus, tão maus, que não é possível terem melhorado assim com esta rapidez!...»

— «Não digas isso, mulher! — acudia logo a boa Maria. — Estás sempre contra os meninos, como se os proves anjinhos fossem alguns mafarricos, salvo seja!...»

— «E olhe que se o não são, parecem-no!...»
A Maria, toda indignada, nem respondia. Limitava-se a voltar as costas á Adélia, benzendo-se repetidas vezes.

Pois bem. Talvez a Adélia fôsse bruxa, feiticeira ou coisa que o valesse. O que é certo é que não se enganou.

Mimi, Necas e Lulú ainda não se emendaram.
Vou contar aos meus amiguinhos a última destes três marotos:



Estavam a brincar no quintal. Ao Lulú apeteceu-lhe jogar a bola, mas não quis maçar-se a ir busca-la ao quarto dos brinquédos. Chamou a Adélia:

— «Adélia, vai buscar a minha bola!...»

Mas a Adélia, que estava a coser, respondeu, com maus modos:

— «Ora vá o menino, que tem boas pernas. Eu tenho mais que fazer do que atura-lo...»

Lulú ficou furioso. Chamou os irmãos e os três puseram-se a cochichar.

E daí a pouco o Lulú, todo ufano com os aplausos da Mimi e do Necas, cantarolava:

«Não há ninguém,
Olá, Olá,
que tenha ideias
como as que eu tenho!...
Não há, não há!...»

(Continua na pagina 6)





O CÃO VADIO

à memória do JAU

Por WANDA

Numa risonha tarde de primavera, quando Lili brincava no lindo jardim da sua vivenda de Caravelos, ouviu uns gemidos muito fraquinhos. Tão depressa quanto lho permitiam as suas gordas pernas, correu para o som tão dolorido e viu um cachorrito castanho deitado na beira da estrada com a língua de fóra e o corpo coberto de feridas. Sem relutância, a pequenita pe-

gou-lhe ao colo e, aconchegando-o a si, numa carícia quási materna — instinto abençoado de pequenina mulher — levou-o, correndo para casa.

A mãe, quando viu que a filha trazia junto ao lindo peitinho rosado aquêlo mísero corpito pestilento, sôbre o qual caíam, num contraste chocante, os cachos loiros dos caracois que lhe emolduravam o rosto, ficou exaltada e

gritou pela criada para que puzesse na rua tão nojento animal.

A pequenita, porém, desatou num pranto sentido e, soluçando, cada vez aconchegava mais a si o pobre animalzinho que nem tinha forças para gemer, e que em seu olhar tinha um poema de humildade. Este quadro impressionou D. Maria José que, imediatamente, mandou aquecer água para lavar o cão, e logo a pequena Lili, feliz e encantada, exclamava: — «Mãisinha, eu trato dêle, verá... eu sei... eu vou curá-lo!». E assim foi!

Os cuidados, a dedicação de-la fazendo-lhe os tratamentos ás feridas — coisa que as criadas não queriam fazer — abrindo-lhe a boca para lhe dar o comer, em breve o transformaram num cachorrito desenxovalhado e buligoso.

Baptisado, solenemente, numa festa preparada por Lili, sendo padrinho o jardineiro e madrinha a cozinheira, ficou-se chamando Jau e passou a ser um cão feliz.

Era um rafeirito vulgar, tipo de cão vadio, mas o seu olhar tinha tal suavidade, tão grande doçura que era, certamente, o porquê de todos gostarem tanto dêle. Muito vivo, muito brincalhão tornou-se o entretenimento preferido da sua donasinha salvadora, sendo também a sua sombra pois para tôda a parte da quinta a seguia sempre.

Mas Jau tinha o defeito da gula e tanto comia que engordou e cresceu demasiado, fazendo-se um cãozão de tal maneira corpulento que tinham de o ter preso porque, quando via a menina, no áuge da sua alegria, para a acariciar, punha-lhe as patas sôbre os ombros e quási a derrubava.

O maior tormento de Jau era



sentir-se prêso. Quando o prendiam tinha umas fúrias de leão; depois, quando via que era impotente para quebrar a corrente que o prendia, deitava-se entristecido e vencido.

Lili intercedia por êle, mas o pai era inflexível pois receava que êle a maguasse com as exuberantes demonstrações da sua ternura e porque, além disso, Jau, com o péssimo defeito da gula, andava sempre rondando as capoeiras e só numa tarde tinha morto 3 coelhinhos, não se sabia bem porque artes, mas decerto por artes de cão vadio...

O que sentia Jau quando estava prêso?

Não se poderá explicar, mas era, certamente, um grande drama, porque caía numa prostração profunda, num alheamento de tudo.

Quando Lili, saudosa do seu companheiro, abandonava as brincadeiras para o «ir entreter... coitadinho do pobresito» — e se punha a conversar: — «Estás prêso... vês? Meu mausão, para que comeste o coelhinho tão engraçadinho que vinha passear cá fóra? Deixa lá não estejas triste que eu logo trago-te da sobremêsa e peço ao paisinho para amanhã te soltar, mas promete que tens juízo e deixas os coelhinhos e os pombos em paz».

Jau, ouvia tudo, sempre deita-



sua ância de liberdade que atirava ao chão quem o soltava e, como louco corria, corria por toda a quinta, penetrando em todos os recantos, espojando-se pela terra, até vir cair ofegante aos pés de Lili que o acarinhava, alegremente, chamando-lhe. — «Doi-do... meu doidinho».

Lá vinha, todavia, a necessidade de o prender de novo e... era o mesmo drama!

O pai de Lili era caçador e um dia levou Jau para o acostumar á sua caça; o cão quando se viu sôlto, no meio de campos sem fim, ficou parado, numa atitude estranha, depois largou a correr, e correu, correu tanto que, por muito que o dono o chamasse, não apareceu mais.

O pobre pai não sabia como havia de aparecer á filha sem o cão, ela que não o queria deixar ir — «porque lhe iam inchar os pésinhos de caminhar muito».

Ela via em Jau uma obra sua; o seu desgosto foi tão grande que se mandaram portadores bater o campo onde o animal tinha desaparecido, mas tudo em vão.

Passa-se um ano e Lili adoece gravemente. Receia-se pela sua vida e é indiscriminável a aflicção dos pais. A pequenita delira constantemente e quasi que os não conhece. Reina naquela casa um triste silêncio, quando se ouve, muito de mansinho, um arranhar na porta do quarto. A mãe, julgando a filha adormecida, receia levantar-se mas o ruído continua, parecem pancadinhas leves, seguidas de doces latidos.

Lili senta-se na cama e exclama febril — «Mãisinha, abre que é o Jau!».

E era o cão que, dum salto,

subiu para a cama, lambendo as mãos da sua donasinha, com tais afagos, tais ternuras e uns gemidos tão sentidos que dir-se-iam carícias humanas.

E a pequenita que quasi não falava, com os olhos cerrados pela febre, murmurava: — «Mausão, Jau, mausão, sempre voltaste»...

Lili ainda esteve muito mal, mas nunca conseguiram afastar Jau do quarto dela; ficava todas as noites velando o seu sono e D. Maria José contava que a sua atitude, sentado em frente dela, os olhos muito abertos, parecendo que nem respirava para a não acordar, seguindo com os olhos anciosos todos os seus movimentos, era enternecedor.

Salvou-se a menina, e o Jau não mais fugiu, mas os donos percebiam, ás vezes, no olhar dele um veu de tristeza, como que a nostalgia da liberdade pelas vastas planícies e levaram-no então a êsses campos onde êle tinha tido a tentação de fugir, dando-lhe a liberdade.

Ante a vasta planície, Jau mostrava sempre a mesma atitude estranha e desaparecia numa correria louca. Os donos esperavam e êle voltava sempre para ser o alegre e bom companheiro de Lili, de quem era o maior amigo.

... ..

Tôda a história tem uma moral e êste contosito mostra-vos que os animais, como as pessoas, têm maneiras de ser, diferentes uns dos outros. Jau tinha instintos de cão vadio que despreza as comodidades, a vida regalada pelo viver em liberdade, daquilo

(Continua na página 7)



do e abatido e contentava-se em lambar, cariciosamente, as mãos da sua donasinha.

Quando o soltavam era tal a

O ANÃO SABICHÃO PERDEU O SEU BARRETINHO

POR ANAO SABICHAO

E sabem os meus amiguinhos como sucedeu tal desastre?

Eu lhes vou contar e não se riam muito com o caso, que foi, para o vosso Anão, um grande desgosto!

Façam vocês, idéa, um barretinho que eu conhecia desde que me conheço!...

Não sei mesmo se nasci com êle enterrado na cabeça!...

Mas o facto é que o perdi e em que circunstâncias, meus meninos!

Foi uma tardinha em que me deixei adormecer á sombra duma árvore.

Dormi, dormi, regalado, e quando acordei, tive uma sensação de frio na careca, porque êste Anão velhinho, em lugar de cabeleira, usa uma bola de bilhar!

— Atchim! Atchim! Atchim! — desatei eu a fazer e logo levei as mãos ao toutiço.

Calculem a minha decepção ao vêr-me transformado num sem chapéu, destes que andam agora á moda!

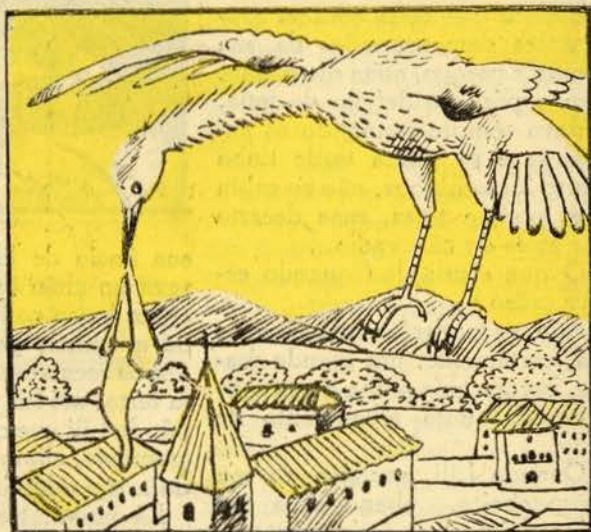
Fiquei varado!...

Vento não havia, aragem não corria, que demónio, então, seria?

Algum atrevido que me havia roubado?

Mas quem?...

Assim eu matutava, ralado, apoquentado, levado do diabo!



— Trrü! Trrü! Trrü! — cantou, no ramo da árvore, um pardalico.

— Olá amigo! exclamei!

— Tu falas mais que sete, diz-me cá, responde já, onde está o meu barrête?

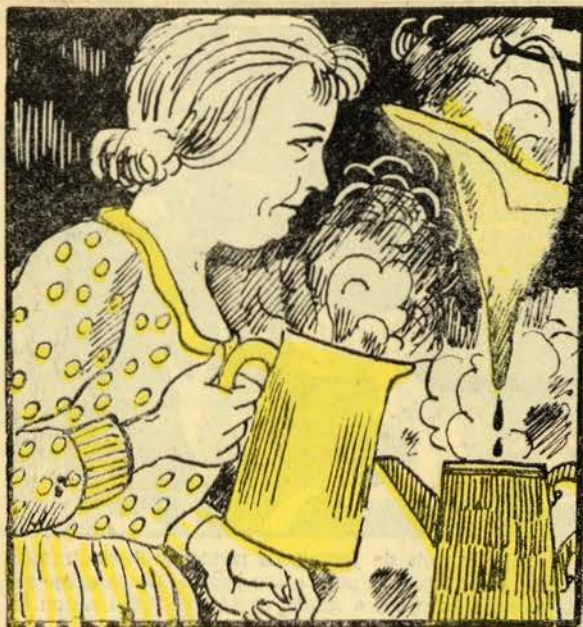
— Eu te digo! — cantarolou o passaro.

— Fazes favor. Sabes lá o transtorno que é, ficar sem barretinho, quem nem sequer tem umas penas, como tu, para cobrir a cabeça!

O pardal concordou e, batendo as ásas, desatou a fazer trrü trrü trrü...

Vai eu, tornei:





— Tu falas mais que sete,
diz-me cá,
responde já,
onde está o meu barrête ?

Então o amigo pardal, no seu trrü trrü, pôs-me ao facto, do que sucedera.

—Foi a raposinha manhosa, que te trás de ôlho, por lhe contares as trêtas e manhas!

Ao vêr-te ferrado no sôno, veio, pé ante pé. Com jeito e cautela, descarapuçou-te! e logo fugiu, num galope, levando-te o barretinho nos dentes!

— A grande farçante! — exclamei; indignado.
— Trrü, trrü, trrü... — fez o pássaro.

— Tu falas mais que sete,
diz-me cá,
responde já,
onde está o meu barrête ?

Tornei eu.

Voei-lhe no encalço e vi, lá ao fundo da floresta, a raposinha esbarrar com uns caçadores. Cheia de mêdo, abriu a bôca, para rosñar, largou o teu barretinho e meteu-se pela toca dentro.

— Tu falas mais que sete,
diz-me cá,
responde já,
onde está o meu barrête ?

Indaguei, ansioso.

— A' fé de pardais,
que ainda sei mais!

Passou uma cegonha e viu o barretinho que ficara ali caído.

— Que bom para o meu ninho! — disse o passarão, levantando-o no bicanço.

E voôu para o ninho, em cima da mêda de palha.

Mas nem ninho nem palha, nem nada, lá encontrou!

O lavrador vendera a palha e o ninho desaparecera! A cegonha abriu o grande bico e desatou a chorar. Assim largou o barretinho! Pobre cegonha, coitada!...

— Tu falas mais que sete,
diz-me cá,
responde já,
onde está o meu barrête ?

Interrompi eu.

— A' fé de pardais,
que ainda sei mais!

Veio o cão Rabisco e ladrou, contente: — Que bom trapinho, para fazer uma capa ao tareco! E logo deu o teu barretinho, de presente, ao gato maltês, seu amigo!

— Cão e gato nunca se entendem! E logo êsses haviam de ser amigos! — resmungei, duvidando.

— Tu falas mais que sete,
diz-me cá,
responde já,
onde está o meu barrête ?
— A' fé de pardais,
que ainda sei mais!

O tareco levou-o para casa da velha. A velha fez dêle saco de café!

— Saco de café!... O meu barretinho! — Gemi compungido.

— A' fé de pardais,
que ainda sei mais!

Vem comigo para vêres que não te enganei!
Segui o pardalico que voôu até uma casinha, muito pobrinha.



APARECEM de NOVO

MIMI, NECAS E LULU

(Continuado da pagina 1)

E correu para a cozinha, sempre a cantarolar. Apenas lá chegou, dirigiu-se á Maria:

— «O' Mariasinha, tu és capaz de fazer um favorzinho ao teu menino?»

— «Diga, amor querido, diga lá!...»

— «E' uma coisa muito simples, Mariazinha. Tu tens para aí abóboras, daquelas muito gordas, redondinhas... Não tens?»

— «Das abóboras meninas?»

— «Sim.»

— «Pois tenho, *mê* menino...»

— «Ora eu queria que tu me fizesses um favor! Não poderás descascar hoje uma?»

— «Calha bem. Hoje a sua mãizinha mandou-me fazer doce de abóbora!...»

— «Então está tudo arranjado!... Partes uma das abóboras ao meio. Tiras-lhe o recheio para o teu doce. E a casca dás-me a mim, mas inteirinha. Quero fazer uma tigelinha catita para o Farrusco beber...»

— «Ah!... Então o *mê* menino quere que eu rape bem o miólo da abóbora, mas sem cortar a casca, não é?»

— «Decerto! Tem o maior cuidado com a casca. E agora outra recomendação. Não fales nisto a ninguém!... Quero fazer uma surpresa!...»

— «Está bem, está bem, *mê* menino. Olhe, *inté* para mais sossêgo, vou já fazer o serviço. Espere um pouquinho, que leva a tigelinha...»

E a boa Maria deitou-se ao trabalho. Extraiu com todo o cuidado o recheio da abóbora e daí a pouco entregava a Lúlú a sua *tigelinha*.

Este, muito contente, deu um beijo repenicado nas bochechas da Maria e partiu a correr, com a metade da abóbora escondida debaixo do bibe. Ao chegar ao quintal chamou os irmãos de parte. Mostrou-lhes a abóbora e ordenou:

— «Agora tu, Necas, vai ao escritório do pai e traz-me um canivete. E tu, Mimi, vai arranjar uma fita grande e um côto de vela.»

Os irmãos obedeceram e pouco depois traziam o que Lúlú queria. Então Lúlú sentou-se num banco, colocou a metade da abóbora nos joelhos e com o canivete pôs-se a esburacá-la.

— «Vocês vão ver a carantonha horrivel que daqui vai sair!...»

Efectivamente. Quando Lúlú deu o seu trabalho por terminado, a abóbora fazia médo. Parecia uma máscara infernal!... Dois grandes buracos redondos eram os olhos, dois traços de canivete simulavam as narinas e outro enorme buraco transversal indicava a boca.

— «Pronto!... — disse Lúlú. — Agora vou esconder isto debaixo da minha cama e logo á noite é que vão ser elas!...»



Á noite, depois de jantar, os pequenos despediram-se dos pais e retiraram-se para o seu quarto. Despiram-se rapidamente. E logo que a Adélia se afastou, Lúlú saltou da cama, acendeu a luz e foi buscar a abóbora.

Fez-lhe mais dois buraquitos pequenos, na parte de cima. Passou atravez deles a fita que a irmã trouxera. Atou as pontas. Foi buscar á sua caixa de desenho dois *punaises*. Com elles pregou a fita na bandeira da porta. Ficou a abóbora suspensa no ar, com a carantonha voltada para o corredor. Em seguida acendeu o côto de vela e equilibrou-o dentro da abóbora.

Feito este lindo trabalho, voltou para a cama, apagou a luz e tocou a campainha.

A Adélia veio á chamada. Muito aborrecida vinha pelo corredor a resmungar contra os *maçadores dos meninos*, quando de súbito...

— «Acudam! Acudam! — desata ela a gritar e a correr pelo corredor fóra, como doida!... — Está o diabo no quarto dos meninos!...»

Acudiu a familia toda. O pai, mais valente, atraveu-se a avançar. E ao ver o que provocara o susto da Adélia, desatou a rir, á gargalhada.

Mas passada a hilaridade, entrou no quarto dos filhos e esforçando-se por se mostrar severo, perguntou:

— «Quem foi o autor desta linda brincadeira?»

Silêncio absoluto. Então o pai compreendeu:

— «Ah!... Já percebo!... Como sempre, deve ter sido *ideia* do Lúlú, que tem dois excelentes ajudantes. Pois bem!... O castigo vai ser exemplar. Durante um mês nenhum de vocês comerá doce de abóbora!... Boa noite!...»

Lúlú deixou que o pai se afastasse e comentou:

— «Deixa-lo!... Mas ao menos consolei-me a rir da parva da Adélia!...»

Contudo e apesar das bósófias, dos olhos do Lúlú corriam lágrimas de pena, por se ver privado do doce predilecto durante tanto tempo!...

■ ■ ■ ■ ■ F I M ■ ■ ■ ■ ■

Era ali que morava a velha, dôna do tareco.
Fui espreitar por um postiguinho e lá vi o café,
a passar pelo meu barretinho!

Assim o que cobrira cabeça de tanta inteligência e saber, era agora unicamente um réles saco de café!

Não tive mais remédio senão mandar fazer um carapuço novo e, a propósito dêste caso tão importante na minha vida de Anão, compús uma cantilena alegórica que canto, nas horas vagas e que gostava de saber se ficou ao gôsto dos meus amiguinhos.

Diz ela, assim :

— Primeiro a rapôsa,
esperta e manhosa,
depois a cegônha,
uma sem vergônha,
depois o Rabisco,
gatuno, ladriscó,
o gato maltês,
pior do que os três,
e depois a velha,
que é furrunfunfelha,
e toma rapé,
pôs-me, sem rebuço,
o meu carapuço,
a passar café!

CONVERSANDO

Por FELIZ COSTA VENTURA

Senta-te e está quietinho,
não te mexas na cadeira!
Ouve, agora, bem atento,
pois que não é brincadeira...

Por seres o preferido,
um segredo vou contar;
ouviu-o, quando, escondido,
na sala estava a brincar:

Escuta, lindo boneco,
ouvi à ama dizer
que, por eu fazer seis anos,
grande festa vão fazer.



Eu, também, tudo mereço,
já sou um homem «grandinho»;
ontem disse-me o papá
que vai dar-me um cavalinho.

E não é de papelão
ou d'outra coisa qualquer,
para um senhor como eu
é um cavalo a valer!

Também me dá um bonito
o meu priminho, o Heitor,
não penses que é um menino,
é já grande, é um senhor!

Agora, fica-te aqui;
não te ponhas a chorar;
deixa-te estar caladinho,
que eu já te venho buscar!

Veem muitos convidados,
tantos que nem sei contar!
Vê lá tu a quantidade
de prendas que me vão dar!

ADIVINHA

Solução
do numero anterior

P era
la R anja
U va
D amasco
m E lã
ba N ana
damas Co
I I ma
m O rango

ma Cã
lim A o
pe R o
a N anaz
tang E rina
melanc I a
amo R a
marmel O

O cão vadio

(Continuação da pagina 3)

que Deus dá; mas nêle venceu o sentimento da gratidão e á donasinha que o amava e lhe tinha salvo a vida, êle sacrificou os seus gôstos de vida errante.

Também os meninos que me lêem são todos diferentes uns dos

outros, todos têm os seus gôstos particulares, mas eu desejo que nos vossos coraçõesinhos fique, sempre firme, sempre inalterável, o sentimento da gratidão por todos os que vos amam, e que, pela vida fóra, nunca hesitem em sacrificar-se por aquêles a quem devem a vida — por vossos queridos Pais.

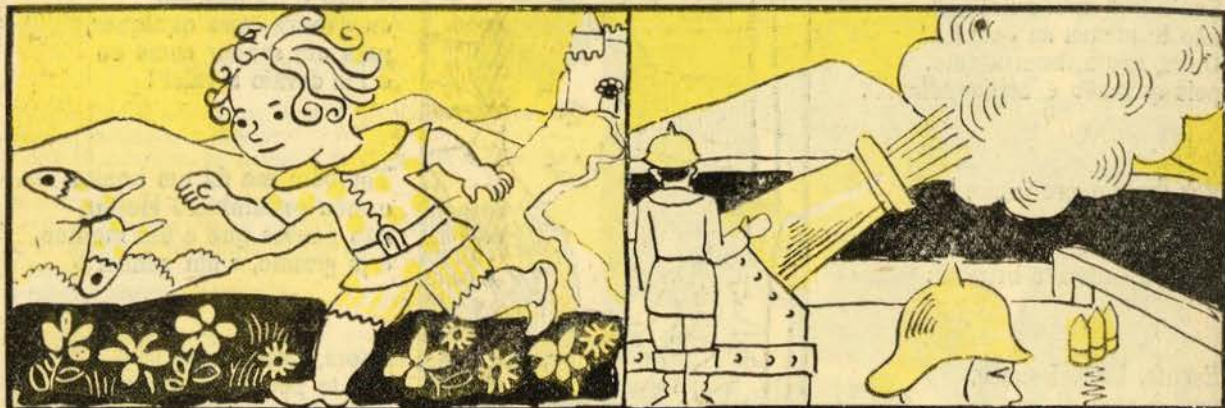
F I M

A D I V I N H A — P R O B L E M A



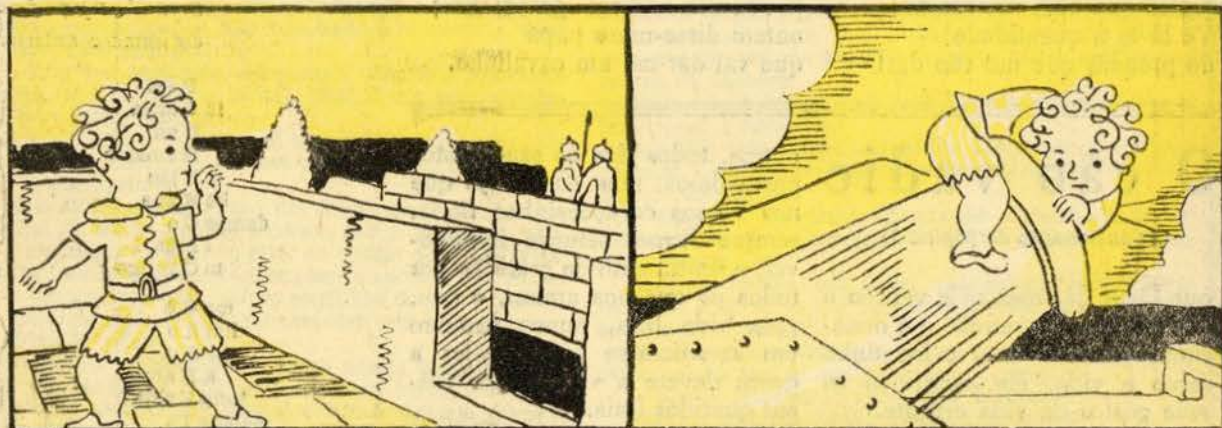
Este caçador procura uma peça de caça que se escapou por detrás dele. Vejam se descobrem que peça foi, unido por um traço os pontos numerados.

No País das Maravilhas



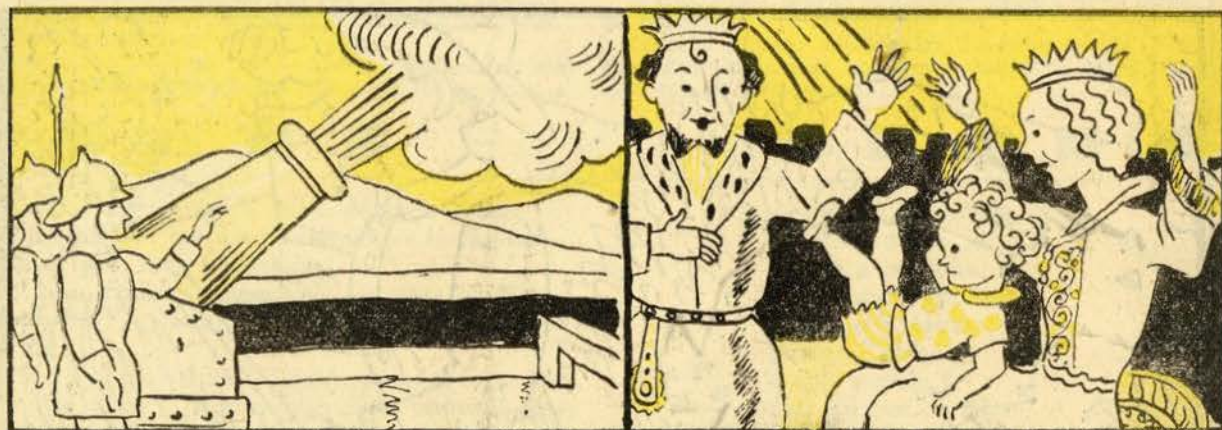
I — O filho dum certo rei de Terra maravilhosa, deixou, um dia, o palácio, atrás duma mariposa.

II — Sem pensar, foi-se afastando... Mas, nisto, encontrou-se em terra do inimigo do pai, com quem este andava em guerra.



III — Vendo, perto, a soldadesca e que não estava seguro, esgueirou-se, como ponde, entre uma peça e um muro.

IV — Mas, para mais segurança, vendo a bôca dum canhão, enfiou por êle dentro, tal era a sua aflição.



V — Ora, nessa mesma altura, a tropa inimiga, logo rompeu as hostilidades e dispôs-se a fazer fogo.

VI — Já os pais do nosso herói, estavam numa aflição quando, de repente, sôa o disparar do canhão.

VII — Mas qual não foi a surpresa da rainha, cujo alvo foi seu colo, vendo o filho nele tombar, são e salvo!